

## UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM PERÍODO PANDÊMICO

LUCAS MORALES VELEDA<sup>1</sup>; LUIZ SCHORN COIMBRA<sup>2</sup>;  
LETÍCIA STANDER FARIAS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Bolsista RP/CAPES – [luкас.veleda99@gmail.com](mailto:luкас.veleda99@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Bolsista PIBID/CAPES – [luizschorncoimbra@gmail.com](mailto:luizschorncoimbra@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas, Bolsista RP/CAPES – [leticiastander@gmail.com](mailto:leticiastander@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

No contexto pandêmico vivido atualmente o Ensino à Distância (EAD) é a válvula de escape para garantir a aprendizagem dos estudantes durante o distanciamento, mas para isso foram necessárias algumas mudanças para deixá-lo acessível aos estudantes de escolas públicas, e assim surgiu o Ensino Remoto Emergencial (ERE) (DUARTE; MEDEIROS, 2020), uma medida do governo para mitigar as consequências do isolamento social. Uma iniciativa importante para essa reinvenção foram os Ambiente Virtuais de Aprendizagem (AVA) que fazem a relação entre aluno e professor mais próxima, tornando assim os *feedbacks* mais constantes e solidificando a aprendizagem (MORAIS et al., 2018). EAD é a sigla dada às aulas não presenciais, quando as mesmas acontecem em ambiente virtual, portanto a interação entre professor e aluno não é diária, e a aula se dá por meio de ambientes virtuais de aprendizagem, tele aulas, materiais impressos, entre outros (BRANCO; OLIVEIRA RAMOS DOS PASSOS, 2020).

Um dos problemas que o Ensino Remoto Emergencial enfrenta é o fato de que as escolas públicas brasileiras atendem em sua maioria estudantes de baixa renda, o que acaba dificultando o aprendizado à distância, que vai desde a resistência de alguns professores (FEITOSA, et al., 2020) à dificuldade dos estudantes que muitas vezes não possuem acesso integral e contínuo à internet, dificuldade esta que o EAD anteriormente não passava. Diante do sentido de urgência que o ERE se desenvolveu, as escolas do Rio Grande do Sul têm adotado inclusive as redes sociais como *WhatsApp* e *Facebook* para disponibilizar seus conteúdos aos alunos, a missão do ERE é realmente desafiadora, pois anteriormente o EAD era mais presente em instituições privadas de ensino superior, onde a principal dificuldade era em relação ao tempo, agora é em relação a conectividade. O trabalho em questão, tem por objetivo realizar um relato de experiência de um residente pedagógico graduando em letras-ingles atuando em uma escola pública municipal durante o período pandêmico em Pelotas/RS.

### 2. METODOLOGIA

O presente trabalho é de cunho qualitativo e foi desenvolvido segundo as experiências vividas por um participante do Programa Residência Pedagógica (RP) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), subprojeto de Língua Inglesa, do dia 02/02/21 até o dia 02/08/21. Durante esse período, o professor residente atuou em turmas de 6º e 8º anos de uma escola pública da rede municipal de Pelotas/RS, atendendo, de forma remota, em torno de 100 alunos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após 6 meses participando do cotidiano dos alunos e mantendo contato com a turma através das plataformas digitais utilizadas para o ERE, os resultados da minha vivência como professor residente em 5 turmas, de 6º e 8º anos, da rede pública de Pelotas/RS, foram desanimadores, pois todo graduando em licenciatura deseja o momento de interagir e ensinar aos alunos sobre sua disciplina (OLIVEIRA NETO; PEREIRA; PINHEIRO, 2020) e, infelizmente, por conta do caráter pandêmico vivido atualmente essa experiência foi menos intensa. Entretanto, mesmo em contexto remoto, ainda é importante que licenciando vivencie as experiências cotidianas de uma escola, prepare suas aulas e tenha contato com os alunos. Pude observar, com toda certeza, um choque de formação entre os professores, seja pelas gerações que vem mudando, seja pela evolução da pedagogia acompanhada de uma imensurável evolução tecnológica. Afinal, ainda majoritariamente são professores do século XX, encarregados de educar crianças do século XXI em escolas do século XIX (SANTANA; BORGES SALES, 2020). A participação dos alunos nas atividades do ERE foi muito abaixo do esperado e isso me faz pensar se o desinteresse se dava pelo professor não estar se esforçando o suficiente para garantir a realização das atividades ou se simplesmente pela falta ou dificuldade de acesso à internet. Tentei, por diversas vezes, tratar de assuntos mais interessantes para aprimorar as aulas e deixá-las mais atrativas para os alunos e mesmo assim não houve melhora significativa. Notei também que o interesse dos alunos era menor no fim do período trabalhado do que no início. Nesse contexto, é inevitável não nos questionarmos sobre o papel das condições pessoais de cada aluno e sua classe social e econômica no seu desempenho escolar, em especial em contexto de pandemia. Sabemos que são os pobres que majoritariamente estudam em escolas públicas no Brasil, enfrentando as mais variadas condições: ambientes familiares instáveis, desigualdade tecnológica, trabalho infantil e dificuldades alimentares, para citar algumas. Silva e Arenhart (2014) falam sobre as diferentes realidades vividas entre as crianças de classe média e as crianças pobres, e como os constantes desafios presentes na infância das crianças de baixa classe econômica impactam em um amadurecimento precoce e em um baixo nível educacional, atrelado à uma grande desigualdade institucional de educação calcada na precarização da educação pública no Brasil. Quando comparamos o ensino remoto das escolas públicas com o ensino remoto das escolas particulares, as diferenças acabam ficando até mais evidentes do que simplesmente paredes bem pintadas e classes bem cuidadas. As diferenças ultrapassam a simples estrutura física escolar, vão desde ter uma boa plataforma para realizar suas atividades, até ter um espaço tranquilo e único para poder realizá-las, às vezes mais simples que isto, apenas ter uma refeição em casa.

### 4. CONCLUSÕES

Apesar de baixo o número de retornos por parte dos alunos, a experiência como integrante do programa de Residência Pedagógica é fundamental na formação de um professor, principalmente neste período atípico que estamos passando. Esta vivência permitiu questionamentos que anteriormente não haviam

sido feitos, entendimentos de uma realidade de desigualdade dificilmente visualizada dentro de um confinamento pandêmico. É necessária uma mudança que garanta um ensino de qualidade e menos desigual a todos, é necessário que os direitos da infância sejam resguardados por profissionais competentes, não por simples votos comunitários ou cargos comissionados. Apesar de tudo, é gratificante a possibilidade de construir conhecimentos com os alunos mesmo que com uma baixa parcela de participação, compreender as dificuldades enfrentadas por estes alunos e as possibilidades de auxiliar e orientar a melhor maneira de passar por elas. Apenas espero conseguir impactar a vida de um aluno da mesma maneira que a experiência do Programa de Residência Pedagógica vem me impactando.

"Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, J. C. S. OLIVEIRA; RAMOS DOS PASSOS, D. Condições do trabalho docente e de tutoria na EAD: fragilização e precariedade. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-18, 14 dez. 2020.

DUARTE, K. A; MEDEIROS, L. S; **Desafios dos docentes**: as dificuldades da mediação pedagógica no ensino remoto emergencial. (Online). Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/68292>.

FEITOSA, Murilo Carvalho; MOURA, Patrícia de Souza; RAMOS, Maria do Socorro Ferreira; LAVOR, Otávio Paulino. Ensino Remoto: O que Pensam os Alunos e Professores?. In: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 5. , 2020, Evento Online. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020 . p. 60-68. DOI: <https://doi.org/10.5753/ctrl.2020.11383>.

GOMES, Luiz Fernando EAD no Brasil: perspectivas e desafios. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)** [online]. 2013, v. 18, n. 1, pp. 13-22. Disponível em: . Epub 12 Mar 2013. ISSN 1982-5765. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772013000100002>.

MORAIS, Bruna Tavares De et al.. A importância dos ambientes virtuais de aprendizagem-ava e suas funcionalidades nas plataformas de ensino a distância-ead.. Anais V CONEDU... Campina Grande: **Realize Editora**, 2018. Disponível em: .

OLIVEIRA NETO, B. M. de; PEREIRA, A. G. G.; PINHEIRO, A. A. de S. A contribuição do Programa de Residência Pedagógica para o aperfeiçoamento profissional e a formação docente. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades** - Rev. Pemo, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–12, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v2i2.3669.

SANTANA, C. L. S. e; BORGES SALES, K. M. **AULA EM CASA: EDUCAÇÃO, TECNOLOGIAS DIGITAIS E PANDEMIA COVID-19**. EDUCAÇÃO, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 75–92, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p75-92. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181>.

SILVA, M. R. da; ARENHART, D. Entre a favela e o castelo: infância, desigualdades sociais e escolares. **Cadernos CERU**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 59-82, 2014. DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v25i1p59-82. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/89149>. Acesso em: 27 jul. 2021.

VASCONCELOS, F. C. G. C.; SILVA, J. R. R. T. DA. A vivência na residência pedagógica em química: aspectos formativos e reflexões para o desenvolvimento da prática docente. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 12, n. 25, p. 219-234, 22 dez. 2020.